

A abordagem da sustentabilidade em exposições museais sob a perspectiva de quem as concebe

The approach to sustainability in museum exhibitions from the perspective of those who conceive them

ALCANTARA, Rita de Cássia da Costa; Doutoranda em Design; ESDI/UERJ

rcalcantara@gmail.com

FREITAS, Sydney Fernandes de; DSc; ESDI/UERJ

sydneydefreitas@gmail.com

OLIVEIRA, André Ribeiro de; DSc; ESDI/UERJ

andre.ribeiro@eng.uerj.br

A partir da veiculação de notícias e materiais sobre a crise climática mundial em diversas mídias, a sustentabilidade tem sido um assunto presente no contexto social contemporâneo. Os museus como instituições culturais têm sido convocados a tratar desse debate com a sociedade. Este artigo é resultado de uma pesquisa que busca responder à pergunta “como abordar o tema sustentabilidade em exposições museais sob a ótica de profissionais que trabalham em museus e se envolvem nesse processo”. A pesquisa se caracteriza como exploratória e a técnica escolhida foi a entrevista. Foram conduzidas entrevistas com profissionais de instituições museais brasileiras para que fosse feito um levantamento sobre como os museus têm trabalhado o tema. Os dados coletados e analisados apresentam um diagnóstico e mapeiam as necessidades envolvidas no desempenho dessa tarefa, apontando caminhos para as demandas observadas.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Exposições; Design para inovação social.

From the publication of news and materials about the global climate crisis in various media, sustainability has been a subject present in the contemporary social context. Museums as cultural institutions have been called upon to address this debate with society. This article is the result of a research that seeks to answer the question “how to approach the theme of sustainability in museum exhibitions from the perspective of professionals who work in museums and are involved in this process”. The research is characterized as exploratory, and the technique chosen was the interview. Interviews were conducted with professionals from Brazilian museum institutions so that a survey could be carried out on how museums have been working on the theme. The collected and analysed data present a diagnosis and map the needs involved in the performance of this task, pointing out paths for the observed demands.

Keywords: Sustainability; Exhibitions; Design for social innovation.

1 Introdução

Nas últimas décadas, a palavra “sustentabilidade” tem sido largamente empregada em notícias, documentos oficiais, materiais educativos, estatutos de empresas e outras formas de comunicação. Em sua origem latina, *sustentare*, admite acepções associadas ao ato de sustentar, apoiar, conservar, cuidar. Nesse sentido, a sustentabilidade está relacionada à permanência ou continuidade de um processo ou sistema. Contudo, a partir de 1972, data da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (*United Nations Conference on the Human Environment*) realizada em Estocolmo, Suécia, a sustentabilidade tem sido mais frequentemente definida como a necessidade de “suprir as necessidades da geração presente sem afetar a possibilidade das gerações futuras de suprirem as suas” (CMMAD, 1991, p.46)¹. Dessa forma, trata-se de um conceito que ultrapassa as definições dos dicionários, sendo considerado um dos princípios mais relevantes da atualidade.

Enquanto princípio, a sustentabilidade surge como um paradigma que se opõe ao modelo predatório de crescimento infinito adotado, de forma mais acentuada e perceptível, desde a Revolução Industrial, no século XX. Propõe a adoção de práticas e estratégias que balizem as atividades humanas em favor do equilíbrio de três dimensões principais: ambiental, social e econômica. Mais recentemente, a diversidade cultural tem sido considerada uma quarta dimensão (OBSERVATÓRIO IBERO-AMERICANO DE MUSEUS, 2019).

Com a crise climática mundial veiculada em diversas mídias e com a pandemia de Covid-19, a sustentabilidade torna-se cada vez mais um tema da atualidade, que demanda debates e questionamentos acerca de seus aspectos. Os museus, apesar de sua vocação para a preservação de heranças materiais e culturais, são instituições cuja atuação vai além das funções tradicionais de preservar, pesquisar e comunicar, posicionando-se como instituições educativas e de entretenimento, procuram diferenciar-se da educação formal das escolas, apresentando diversas temáticas de maneira lúdica e participativa ao seu público através de suas exposições. Para Studart (2019), os museus podem atuar desde zeladores do patrimônio a espaços de diálogo, interatividade e exercício da cidadania, possuem muitas possibilidades de ação, além da oportunidade de trabalhar com públicos diversos ou com a comunidade na qual estiver inserido. Deste modo, pode-se considerar os museus como espaços privilegiados para promover reflexão sobre valores e atitudes, assim como o debate de questões de relevância para a sociedade como, por exemplo, a sustentabilidade.

As exposições museais são o principal meio pelo qual um museu se comunica com seu público, promovendo reflexões e debates sobre temas variados e, assim, informam também seus valores. Contemplando suas dimensões de preservação, conservação, pesquisa, comunicação e educação, os museus organizam exposições que, geralmente, apresentam um tema estruturado em uma narrativa, em uma história. Segundo Cury (2005), “as exposições são concebidas por equipes para serem compreendidas e provocarem uma atitude ativa no visitante” (CURY, 2005, p.37). A mesma autora discorre sobre a relação que os museus estabelecem com seu público através das exposições:

“A reflexão sobre como as pessoas aprendem no museu e como os museus ensinam associada aos estudos psicoeducativos sobre os processos cognitivos trouxe aos museus e especialmente às exposições a preocupação de preparar exposições sob a ótica do

¹ O documento final da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, sob o título de *Nosso Futuro Comum*, foi publicado em 1987 e disseminou o conceito de desenvolvimento sustentável. Também ficou conhecido como Relatório Brundtland, em alusão ao sobrenome da primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, quem presidiu a comissão.

público. Procura-se oferecer ao público a oportunidade para um comportamento ativo cognitivo (intelectual e emotivo), interagindo com a exposição. Em síntese, procura-se a interação entre mensagem expositiva e o visitante, para que a exposição permita uma experiência de apropriação de conhecimento." (CURY, 2005, p.38)

A partir do que foi exposto, e levando-se em consideração o papel educativo dos museus, faz-se necessário identificar como o tema sustentabilidade tem sido abordado em exposições museais. Observando-se que a promoção da sustentabilidade pode ser adotada como uma diretriz estratégica para a prática do design na atualidade (OLIVEIRA; FRANZATO; DEL GAUDIO, 2017), a apresentação do tema sustentabilidade ou mesmo de assuntos correlacionados a ele nos projetos de exposições museais é uma discussão que pode ser observada sob a perspectiva do design para inovação social se for considerado o potencial de mudanças na organização e relacionamento das instituições sociais que essa iniciativa pode proporcionar.

2 Metodologia

Ponderando que os museus são uma plataforma de comunicação com a sociedade para gerar debates e reflexões sobre temas relevantes à contemporaneidade, como abordar o tema sustentabilidade em exposições museais? Para responder essa pergunta foram feitas entrevistas semiestruturadas com profissionais de museus com o objetivo de analisar o que esses especialistas consideram sobre abordar a sustentabilidade numa exposição, tendo em vista identificar como esse tema tem sido apresentado ao público visitante de museus.

Para entender as relações e interações que se estabelecem entre a instituição museal e seus públicos interno e externo, faz-se necessário olhar para as exposições sob o ponto de vista de quem as concebe, primeiramente. Esses profissionais formaram um repertório ao longo de suas carreiras que é composto de suas práticas, experiências, ferramentas, motivações e dificuldades. Segundo Gil (1999), em ciências sociais a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas e apresenta algumas vantagens se for comparada à técnica de questionário: é mais difícil que os indivíduos neguem ser entrevistados a deixarem de preencher um questionário, o entrevistador pode esclarecer dúvidas relativas às perguntas. Além disso, a técnica de entrevista permite que diversos aspectos da vida social sejam coletados como dados para a pesquisa. Desta maneira, o uso de entrevistas mostrou-se uma técnica adequada a esta pesquisa.

A população é formada por profissionais de museus que trabalham ou trabalharam em projetos de exposições museais, já que o objetivo era identificar como o tema sustentabilidade tem sido abordado em exposições museais sob a perspectiva de quem as concebe. A amostra foi delimitada por dois critérios principais: 1) ser funcionário de uma instituição museal e 2) ter experiência no processo de desenvolvimento de exposições museais. Como o desenvolvimento dessas exposições costuma ser feito por profissionais de diferentes formações e pela realidade diversa dos museus brasileiros, foi necessário não especificar uma formação. Além disso, como o processo em questão reflete os valores institucionais, o critério de pertencer ao quadro efetivo do museu apresenta-se como mais pertinente. Assim, os sete profissionais entrevistados possuem diferentes formações (Museologia, Pedagogia, Biologia, Design e Comunicação Social), mas o que confere homogeneidade à amostra são os critérios de pertencerem ao quadro efetivo do museu e de terem experiência no processo de desenvolvimento desse tipo de exposição². A amostra selecionada é composta de cinco

2 As exposições podem ser classificadas como comerciais e culturais: as exposições comerciais têm o objetivo de exibir e promover bens comerciais e serviços, enquanto as exposições culturais estão

profissionais que trabalham em museus de ciências e dois profissionais, em museus de arte. Não foi feita nenhuma distinção entre as tipologias de museus (seja público ou privado ou tema e tipo de acervo apresentado) para a composição da amostra, ou seja, esse não foi um critério considerado.

Os entrevistados foram convidados por mensagens de correio eletrônico ou por aplicativos de mensagens de celular. As entrevistas ocorreram através da plataforma online Zoom devido ao contexto de pandemia de Covid-19, quando o isolamento social estava sendo recomendado pelas autoridades sanitárias.

A partir da delimitação do problema e da definição da população e amostra de participantes, foram elaborados tópicos para a pauta das entrevistas. Esses tópicos serviram de norte para a elaboração das perguntas. Para cada pergunta foi definido um objetivo, uma justificativa e uma fundamentação teórica (ver resumo na tabela 1). A pauta foi testada com voluntários – alunos do programa de pós-graduação que estavam cursando a disciplina e que tinham alguma afinidade com o tema – para a checagem da pertinência das perguntas e alguns ajustes foram implementados após os testes. Devido ao cronograma apertado não foi feita uma entrevista piloto. As entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes e transcritas. As respostas dos entrevistados foram comparadas e analisadas de modo que fossem classificadas em categorias que permitissem responder à questão da pesquisa.

Tabela 1 – Pauta das entrevistas

Pergunta 1: Na sua opinião, por que abordar a sustentabilidade como o tema principal de uma exposição museal?	Justificativa: Os museus têm sido convocados por suas instâncias internacionais de representação a participarem do debate sobre desenvolvimento sustentável com seus públicos. É importante identificar a adesão dos profissionais de museus a esse debate.
Objetivo: Descobrir o que os profissionais de museus pensam sobre abordar a Sustentabilidade como o tema principal de uma exposição.	Fundamentação teórica: “(...) os museus devem contribuir, independentemente de sua especialidade, para o processo reflexivo sobre a sustentabilidade do planeta, assim como estimular o engajamento e as discussões sobre educação ambiental, ao mesmo tempo dando o exemplo de práticas ambientais corretas.” (STUDART; GUIMARÃES, 2020, p.08)
Pergunta 2: Como estimular o interesse dos profissionais de museus em temáticas de Sustentabilidade?	Justificativa: O museu é uma instituição feita de pessoas, são essas pessoas que vão criar e projetar as exposições museais, e, portanto, mediar as temáticas abordadas com o visitante do museu.
Objetivo: Identificar maneiras de envolver os profissionais de museus no debate sobre sustentabilidade.	Fundamentação teórica: “(...) o papel dos políticos e das instituições é criar um ambiente favorável a orientação da inovação rumo à sustentabilidade, para os designers, empresas e também para os cidadãos comuns em suas comunidades e organizações, a possibilidade de ação recai na sua

relacionadas com a cultura material das sociedades (LOCKER, 2011). No texto a referência é feita às exposições organizadas em instituições museais e, portanto, consideradas como culturais.

capacidade de dar uma orientação estratégica às próprias atividades (...)" (MANZINI, 2008, p.28)

Pergunta 3: Pensando na visita a uma exposição museal, o que você comprehende por experiência do visitante?

Objetivo: Mapear o que os profissionais de museus definem como experiência do visitante.

Justificativa: Um visitante de uma exposição museal é exposto a conteúdos diversos enquanto caminha pelo espaço tridimensional de uma exposição, mobilizando processos afetivos e cognitivos que podem levar à construção de significados. Assim, parece relevante perceber a intencionalidade prevista ao se planejar uma exposição museal.

Fundamentação teórica: "Entendemos que a experiência deve ser significativa a ponto de ser memorável, nos tocar de forma particular, por motivos muitas vezes singulares e subjetivos, despertados por emoções, capazes de nos sensibilizar a ponto de nos transformar de alguma maneira, e, portanto, envolve sempre a reflexão e a participação (em níveis diferentes, ativa e/ou passiva) do sujeito, (...)" (ALEXANDRE, 2007, p.61).

Pergunta 4: De que forma podemos promover diálogo com o visitante sobre sustentabilidade numa exposição museal?

Objetivo: Identificar as abordagens usadas para debater o tema sustentabilidade com o público de um museu.

Justificativa: O debate, o diálogo sobre sustentabilidade podem ser feitos através de diferentes tipos de abordagens (jogos, vídeos, enquetes, interativos, espaços imersivos) e é importante descobrir quais são as soluções mais usadas ou possíveis de serem usadas.

Fundamentação teórica: "(...) analisar e comunicar este conhecimento multidisciplinar complexo para o público de modo que possibilite ampliar a sua consciência ambiental, não significa apenas informar sobre, ou divulgar, os avanços nas pesquisas nas áreas de ciências exatas ou naturais. É necessário que as áreas da cultura e da educação participem conjuntamente para esse propósito. Para tal, é preciso um esforço por parte da comunidade científica, dos museus e centros de ciência e das instituições de ensino nesse processo. Visando esse objetivo, os museus devem buscar parcerias institucionais diversas, bem como se comunicar com mais profundidade com seus visitantes, estabelecendo um processo horizontal de diálogo e participação" (STUDART; GUIMARÃES, 2020, p.04).

Pergunta 5: Que metodologia está sendo usada no desenvolvimento de exposições museais?

Objetivo: Identificar as metodologias que têm sido usadas no desenvolvimento de exposições museais.

Justificativa: O desenvolvimento de exposições museais, geralmente, envolve a atuação de profissionais de diversas áreas, é importante mapear as metodologias usadas nesse processo.

Fundamentação teórica: "O enfoque em equipe representa um real esforço em construir coletivamente um processo ou um produto. A atuação e experiência de todos são fundamentais para a eficiência do processo e eficácia do produto. No entanto, faz-se necessária a adoção de metodologia que contemple a diversidade de pontos

de vista para alcançar uma única finalidade: uma exposição de relevância educacional.” (CURY, 2005, p.84)

Pergunta 6: Como desenvolver exposições de maneira colaborativa com o público de um museu?

Objetivo: Identificar métodos de criação de exposições de maneira colaborativa com o visitante do museu.

Justificativa: Inserir o público visitante no processo de desenvolvimento de exposições pode ser uma forma de engajá-lo no tema da exposição, sendo uma estratégia importante para se dialogar sobre sustentabilidade.

Fundamentação teórica: “(...) uma instituição cultural participativa é aquela onde os visitantes possam criar, compartilhar e conectar-se entre si em torno de um conteúdo. Criar significa que os visitantes contribuem com suas próprias ideias, objetos e expressão criativa para a instituição e entre si. Compartilhar significa que as pessoas discutem, levam para casa, ressignificam e redistribuem o que vêm e o que fazem durante a visita. Conectar significa que os visitantes se socializam com outras pessoas - funcionários e visitantes – com quem compartilham seus interesses particulares. Em torno do conteúdo significa que as conversas e criações dos visitantes se concentram nas evidências, objetos e ideias mais importantes para a instituição em questão” (SIMON, 2010, posição 50 de 396, ebook).

Pergunta 7: De que maneira o feedback gerado pelo público visitante da exposição pode influenciar nas decisões de projeto das exposições seguintes?

Objetivo: Identificar como tem sido feita a avaliação das exposições museais e, se o conhecimento gerado com a avaliação do público após a vista a uma exposição é aproveitado no desenvolvimento de novas exposições pelos profissionais do museu.

Justificativa: O conhecimento gerado pela avaliação que o público faz de sua visita ao museu pode auxiliar na elaboração de abordagens para tratar a sustentabilidade no desenvolvimento de exposições museais, já que as informações coletadas podem promover reflexões importantes sobre a realidade institucional e sobre como está a comunicação do museu com seu público através das exposições.

Fundamentação teórica: Segundo Cury (2005, p.125), a avaliação em museus visa “criar um sistema de informações sobre aspectos da realidade que – quando munidos de significado – possam intervir positivamente sobre essa realidade.”

Fonte: Os autores.

3 Resultados

A partir das entrevistas, foram definidas sete categorias: (1) Relevância; (2) Gestão organizacional e de pessoas; (3) Construção de sentido; (4) Abordagem coerente; (5) Cenários; (6) Participação do público e (7) Sistematização da avaliação. A seguir serão apresentadas essas categorias, suas definições e exemplos de falas dos entrevistados:

1) Relevância: pondera sobre o valor do tema e o reconhecimento do museu como agente influenciador e catalizador de mudanças. Algumas das falas dos entrevistados que representam essa categoria são: “Bem interessante, tendo em vista principalmente o contexto contemporâneo”; “Eu acho fundamental que o tema esteja presente em qualquer ação que diga respeito a educação. Porque isso se trata de assumir uma nova postura, legando às novas

gerações uma nova mentalidade, uma nova forma de conceber a própria existência”; “A esperança que a gente tem é conquistar as mentes e os corações das pessoas para que se envolvam nessa luta, nessa busca de soluções e de mudança.”

2) Gestão organizacional e de pessoas: afirma a necessidade de oferecer as condições necessárias para que os profissionais de museus possam elaborar ações que embasem e fomentem o debate sobre sustentabilidade. Algumas das falas dos entrevistados que representam essa categoria são: “Oferecer formação para os profissionais dos museus. O debate sobre sustentabilidade precisa estar no planejamento e na gestão do museu, elaborar um programa de sustentabilidade e incluí-lo no plano museológico da instituição” (Resumo e interpretação da fala do entrevistado 5); “Criar consciência nas pessoas, trazendo pessoas para falar, fazendo conferências, seminários, fazendo reuniões internas, e grupos de estudo”; “A motivação desses profissionais me parece que passa por uma dimensão que eu diria que é uma dimensão formativa. A dimensão formativa é fundamental.”

3) Construção de sentido: denota a possibilidade de o museu ser capaz de sensibilizar e mobilizar as percepções dos visitantes envolvendo aspectos emocionais e cognitivos. Algumas das falas dos entrevistados que representam essa categoria são: “A experiência do visitante do ponto de vista de uma boa experiência é aquela onde ele é capaz de, ao final da experiência, convidar outras pessoas a visitarem”; “Esse encontro entre a bagagem do visitante e a proposta pensada na exposição que vai criar essa experiência de visita”; “Eu acho que a experiência do visitante ela é assim o resultado da interação de três contextos: o pessoal, o contexto físico do museu e o contexto social.”

4) Abordagem coerente: sinaliza que o discurso precisa corresponder à prática, ponderando que o museu precisa adotar práticas sustentáveis e tratar a sustentabilidade como tema transversal, sendo abordado em todas as exposições de diferentes maneiras. Algumas das falas dos entrevistados que representam essa categoria são: “Ter discurso coerente com a prática. A sustentabilidade não precisa ser o tema principal da exposição para que questões relacionadas a ela sejam abordadas, existem vários temas que permitem que se aborde questões de sustentabilidade, como a alimentação, por exemplo”; “Tem que começar a falar do material usado para construir a exposição, mas como sustentabilidade é um tema transversal, dá para ser abordado em qualquer exposição”; “A gente tem que fazer essas exposições de uma forma sustentável para a gente não perder a razão do discurso.”

5) Cenários: apresenta a diversidade de realidades no desenvolvimento de exposições no contexto museal brasileiro. Algumas das falas dos entrevistados que representam essa categoria são: “São três cenários possíveis: um cenário de total falta de participação, de decisões monocráticas verticais; um outro cenário que tenta avançar para a participação, todavia, ainda padecendo dos velhos hábitos e reproduzindo velhas hierarquias; e um terceiro cenário que a gente vê ainda que é um cenário que já surge uma participação bastante horizontal, embora em menor grau e em menor frequência”; “Metodologia matricial, grupos multidisciplinares de profissionais e consultores especialistas nos temas abordados”; “Equipe multidisciplinar fazendo de tudo um pouco no processo de desenvolvimento de exposições.”

6) Participação do público: declara como o público visitante pode intervir e contribuir na elaboração de exposições. Algumas das falas dos entrevistados que representam essa categoria são: “Existem níveis em que o visitante pode interferir na própria exposição: pode ser apenas um consumidor, pode responder uma pesquisa de opinião, pode deixar um registro e esse registro modificar algo na exposição, e pode conceber a exposição junto com a equipe do museu”; “O público pode participar de forma indireta, através de instrumentos ou metodologias de escuta desse público, ou direta, quando o público do museu participa da

elaboração da exposição.” (Resumo e interpretação da fala do entrevistado 2); “Processo de cocriação principalmente com o público do território do museu.”

7) Sistematização da avaliação: aponta que os museus carecem e necessitam de instrumentos sistematizados de escuta e avaliação de seu visitante para que possam incrementar seus projetos de exposições. Algumas das falas dos entrevistados que representam essa categoria são: “Criar instrumentos de feedback, ter uma sistematização desse feedback”; “Um instrumento de feedback dos visitantes pode reunir um farto material para que se possa, a partir de um processo reflexivo dessa equipe que montou a exposição, se pensar numa próxima ação”; “Ter mecanismos de avaliação das exposições.”

4 Discussão

Os museus, têm sido convocados por suas instâncias internacionais de representação a participarem do debate sobre desenvolvimento sustentável com seus públicos (OBSERVATÓRIO IBERO-AMERICANO DE MUSEUS, 2019). Vale ressaltar que os museus são instituições que preservam memórias, heranças materiais e culturais, e que sua atuação vai além das funções tradicionais de preservar, pesquisar e comunicar. No Brasil, eles são caracterizados pelo Estatuto de Museus instituído segundo a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, conforme a seguinte definição:

“Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.” (BRASIL, 2019)

Deste modo, faz-se pertinente identificar a adesão dos profissionais de museus à discussão sobre desenvolvimento sustentável. As exposições museais possuem característica efêmera e vocação educativa. Sua natureza efêmera, temporária, pode gerar desperdício de materiais e produção de lixo, tornando-as um produto nocivo ao ambiente e aos próprios seres humanos. Por outro lado, são espaços privilegiados para promover reflexão sobre valores e atitudes. Assim, configuram-se como uma importante plataforma de comunicação com a sociedade para gerar debates e análises sobre temas relevantes como a sustentabilidade, como afirmam Studart e Guimarães (2020, p.08):

“(...) os museus devem contribuir, independentemente de sua especialidade, para o processo reflexivo sobre a sustentabilidade do planeta, assim como estimular o engajamento e as discussões sobre educação ambiental, ao mesmo tempo dando o exemplo de práticas ambientais corretas.”

Considerando a exposição como o principal meio de comunicação do museu com o seu público, é importante descobrir o que os profissionais envolvidos na concepção desse produto apreciam sobre abordar a sustentabilidade como tema de uma exposição. As entrevistas revelaram que esses profissionais possuem interesse e motivação para os aspectos de sustentabilidade como tema a ser explorado nas exposições [categoria Relevância] e acreditam que esse tema é interessante e essencial, como pode ser percebido em uma das falas dos entrevistados a seguir “Eu acho fundamental que o tema esteja presente em qualquer ação que diga respeito a educação. Porque isso se trata de assumir uma nova postura, legando às novas gerações uma nova mentalidade, uma nova forma de conceber a própria existência.” No entanto, os entrevistados, também, ressaltam a importância de se promover ações de

capacitação em sustentabilidade para as equipes dos museus, bem como incluir o tema no planejamento e na gestão dessas instituições [categoria Gestão organizacional e de pessoas]. Desta modo, antes de se pensar em abordar temáticas ligadas à sustentabilidade em exposições, faz-se necessário promover ações de educação em sustentabilidade para os profissionais de museus a fim de que este tema possa estar presente no cotidiano das instituições. Como propõe Ezio Manzini,

“(...) o papel dos políticos e das instituições é criar um ambiente favorável a orientação da inovação rumo à sustentabilidade, para os designers, empresas e também para os cidadãos comuns em suas comunidades e organizações, a possibilidade de ação recai na sua capacidade de dar uma orientação estratégica às próprias atividades (...).” (MANZINI, 2008, p.28)

Outro aspecto observado na fala dos entrevistados foi que a visita a uma exposição museal mobiliza processos afetivos e cognitivos que podem proporcionar uma experiência de sensibilização e construção de sentido [categoria Construção de sentido], o que indica a potencialidade de se trabalhar temas relevantes à sociedade contemporânea nesses espaços. Como afirmado anteriormente, as exposições museais possuem uma vocação educativa, e podem ser consideradas como espaços de aprendizagem informal. John Falk e Lynn Dierking consideram que uma visita a um museu é uma experiência de aprendizado por livre escolha do sujeito³, também conhecido como aprendizado informal (FALK; DIERKING, 2010). Segundo os mesmos autores, o valor do aprendizado por livre escolha reside na sua característica de ser diferente da escola, ou seja, do ensino formal. Destarte, considerando a construção de sentido que uma experiência de visita pode proporcionar, e consequentemente, seu potencial educativo, faz-se necessário buscar a coerência entre discurso e prática quando se pensar em abordar o tema sustentabilidade nas exposições museais [categoria Abordagem coerente]. Além disso, a maioria dos entrevistados afirmou que a sustentabilidade deve ser trabalhada de maneira transversal, presente em qualquer exposição museal e que a mesma deve ser feita de forma sustentável. Aqui, cabe observar que poucos entrevistados explicaram o que seria essa maneira sustentável de desenvolver exposições museais, visto que não foi feita uma pergunta direta sobre o assunto. Assim, parece válido aprofundar essa questão em uma nova pesquisa.

O desenvolvimento de exposições museais é um processo que, geralmente, envolve a atuação de profissionais de diversas áreas. E, como afirma Cury (2005), se o propósito for alcançar uma exposição de relevância educacional, o uso de uma metodologia que contemple a diversidade de perspectivas da equipe é fundamental. Com base nas respostas dos entrevistados, há uma diversidade de realidades no desenvolvimento de exposições no contexto museal brasileiro [categoria Cenários]. Nesse contexto, o processo em questão pode ser: (i) autoritário; (ii) participativo com a prevalência de hierarquias verticais; (iii) multidisciplinar e participativo com hierarquia mais horizontal; (iii) multidisciplinar com equipes pequenas, no qual cada um faz todas as tarefas por ausência de pessoal, sem a intencionalidade de se estabelecer uma hierarquia horizontal. Vale ressaltar que a participação mencionada nas entrevistas faz referência ao compartilhamento de decisões e escolhas entre gestão e equipe de desenvolvimento de exposições, não sendo contemplada a participação do público visitante nesse processo.

³ Os pesquisadores John Falk e Lynn Dierking usam o termo aprendizado por livre escolha – “*free-choice learning*” – conceituando-o da seguinte forma: “aprendizagem que é guiada pelas necessidades e interesses de uma pessoa e em que as pessoas se envolvem ao longo de suas vidas para descobrir mais sobre o que é útil, atraente ou simplesmente interessante para elas” (DIERKING, 2005, p.147).

Inserir o público visitante no processo de desenvolvimento de exposições pode ser uma maneira de engajá-lo no tema da exposição, transformando-se em uma estratégia importante para a Educação em Sustentabilidade; possibilitando a ampliação da consciência ambiental desse público ao se comunicar mais profundamente com ele através de um processo de diálogo e participação (STUDART; GUIMARÃES, 2020). Assim, é fundamental que se formule e planeje como o público visitante pode interferir e contribuir na elaboração de exposições [categoria Participação do público]. Segundo os entrevistados, a participação do visitante pode variar de maneira passiva ou ativa e sua intervenção pode se dar de maneira direta ou indireta. Quando o visitante participa de maneira passiva, ele é apenas um consumidor e não interfere na exposição. Quando o visitante participa de maneira ativa, essa participação acontece em vários níveis de menor a maior, gerando um grau de intervenção no espaço expositivo ou no processo de desenvolvimento da exposição. Assim, foi possível mapear as seguintes formas de participação ativa do público: (i) o visitante pode responder uma pesquisa de opinião; (ii) pode deixar um registro e esse registro modificar algo na exposição e (iii) pode conceber a exposição junto com a equipe do museu.

Observando a terceira opção de participação ativa do público: a inclusão do visitante no processo de concepção e desenvolvimento das exposições de um museu, pode-se imaginar uma reconfiguração na relação entre a instituição e seu público à medida que essa iniciativa oferece a possibilidade de alteração e intervenção no que será ofertado ao visitante e como será ofertado pelo próprio (ou por indivíduos selecionados que representem esse público). É possível inferir que essa nova forma de conceber exposições não só cria a possibilidade de um diálogo mais direto entre todos os envolvidos no processo bem como necessita disso para ser profícua e permitir que a equipe do museu e o visitante tenham a possibilidade de criarem juntos o que será apresentado ao público, procurando atender as suas necessidades e expectativas. Refletindo sobre essa nova configuração na relação museu-visitante onde um novo modo de fazer é criado pressupondo diálogos entre atores sociais interessados em alcançar um mesmo resultado, pode-se conceituar esse processo como inovador ao romper com formas estabelecidas de se pensar e fazer as coisas, caracterizando-o como uma inovação social (MANZINI, 2017). Destarte, parece fundamental a adoção de um método que promova colaboração e codesign entre os atores envolvidos. Elisabeth Sanders e Pieter Stappers definem codesign como “a criatividade de designers e pessoas não treinadas em design trabalhando juntas no processo de desenvolvimento de design” (SANDERS; STAPPERS, 2008, p.06). Na mesma direção e sob a ótica do design para a inovação social, Ezio Manzini caracteriza um projeto de codesign como aquele onde “todos os interessados possam submeter a sua contribuição para apreciação, não apenas na busca da solução técnica para o problema, mas também na construção de seu significado, a fim de que faça sentido para todos os envolvidos” e ainda afirma que “esta é a única maneira de assegurar que a solução técnica encontrada será realmente cultural e socialmente aceitável para as pessoas e as comunidades às quais deve beneficiar” (MANZINI, 2017, p.59). Isto é, as soluções de um projeto de codesign orientado pelas premissas do design para a inovação social precisa ter valor para as pessoas que irão usufruir delas. O mesmo autor aponta a relevância da intervenção da sociedade e contextualiza o papel do profissional de design ao explicar que:

“Tradicionalmente, especialistas em design deviam identificar uma inovação tecnológica e traduzi-la em produtos e serviços socialmente aceitáveis. (...) Mas, hoje em dia, para apoiar a inovação social algo mais precisa ser feito. A ponte entre tecnologia e sociedade precisa ser percorrida na direção oposta também. Na verdade, para promover a inovação social, especialistas em design devem usar suas habilidades e competências em design para reconhecer casos

promissores quando e onde eles aparecem, bem como para promovê-los" (MANZINI, 2017, p.72).

Tão importante quanto possibilitar a participação do público visitante numa exposição museal, é também conhecer esse público, seus anseios, expectativas e como a comunicação do museu tem sido realizada através das exposições. Portanto, o conhecimento gerado pela avaliação que o público faz de sua visita ao museu pode auxiliar na elaboração de abordagens para o tema sustentabilidade no desenvolvimento de exposições, já que as informações coletadas podem promover análises importantes sobre a realidade institucional. Segundo Cury (2005), a avaliação em museus visa "criar um sistema de informações sobre aspectos da realidade que – quando munidos de significado – possam intervir positivamente sobre essa realidade" (CURY, 2005, p. 125). A partir das respostas dos entrevistados foi possível identificar que os museus carecem e necessitam de instrumentos sistematizados de escuta e avaliação de seu visitante para que possam incrementar seus projetos de exposições [categoria Sistematização da avaliação].

Baseando-se nos achados das entrevistas, e a consequente definição de categorias, pode-se inferir que devido à relevância do tema sustentabilidade, o mesmo deve ser inserido na gestão organizacional e de pessoas dos museus, cujas equipes devem observar a construção de sentido proporcionada pela visita a partir de uma abordagem coerente, levando-se em conta os cenários das instituições bem como a possibilidade de participação do público e a implementação de uma avaliação sistemática das exposições.

5 Considerações finais

A partir do exposto anteriormente, é possível inferir que para abordar sustentabilidade em exposições museais, é importante que o tema seja inserido na gestão organizacional e de pessoas dos museus; que haja uma atuação coerente entre discurso e prática na elaboração de exposições, sendo fundamental que se formule e planeje como o público visitante pode intervir e contribuir no processo de desenvolvimento de exposições. Vale ressaltar que isso possibilita uma comunicação mais profunda entre o museu e o seu visitante por meio de um processo de diálogo e participação. Entretanto, a análise do cenário oferecido pela instituição para o desenvolvimento de suas exposições é essencial para identificar a possibilidade de inclusão do público nesse processo, já que a diversidade percebida através das entrevistas constatou que a tomada de decisões nem sempre é compartilhada entre a gestão e equipe do museu, e incluir mais atores não deve ser factível. De acordo com Simon (2010, posição 50 de 396, ebook) "uma instituição cultural participativa é aquela onde os visitantes possam criar, compartilhar e conectar-se entre si em torno de um conteúdo." A adoção de um método de colaboração e codesign entre a equipe do museu e seus públicos parece promissora ao criar perspectivas, a fim de dar voz aos indivíduos usuários daquele equipamento cultural, possibilitando uma relação de compartilhamento de temas relevantes, anseios, tensões e necessidades reais. Essa estratégia também cria a oportunidade de se investigar o engajamento desse público nos temas tratados pelas exposições concebidas com sua efetiva participação. Vale ressaltar que seria interessante identificar se o visitante tem interesse e quem gostaria de participar do desenvolvimento de exposições junto à equipe do museu. Além disso, também se faz necessário implementar instrumentos de sistematização de avaliação das exposições pelo visitante de modo a conhecer esse público, seus anseios, suas expectativas e como a experiência de visita foi percebida por ele. Essas informações podem promover reflexões importantes pelas equipes das instituições museais e incrementar o desenvolvimento de suas exposições. Destarte, é possível perceber que há ainda muito a ser feito para o tratamento do tema sustentabilidade em exposições museais no cenário brasileiro

e o presente estudo contemplou apenas a perspectiva dos profissionais que fazem parte das equipes efetivas dos museus entrevistados. Cabe ainda uma futura investigação para se revelar as questões e o ponto de vista do público visitante sobre o assunto.

6 Referências

- ALEXANDRE, Rosana Ferreira. **Colecionando experiências museais:** a mediação com o público sob o viés do design. Tese (Doutorado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum.** 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1991.
- CURY, Marília Xavier. **Exposições:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.
- DIERKING, Lynn. Lessons without limit: how free-choice learning is transforming science and technology education. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, p. 145-60, fev. 2005.
- FALK, John; DIERKING, Lynn. The 95 percent solution: school is not where most americans learn most of their science. **American Scientist**, Research Triangle Park, v. 48, n º 6, p. 486-493, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LOCKER, Palm. **Basics Interior Design 02: exhibition design.** Lausanne: AVA, 2011.
- MANZINI, Ezio. **Design para a inovação Social e sustentabilidade:** comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes sociais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- MANZINI, Ezio. **Design:** quando todos fazem design: uma introdução ao design para inovação social. São Leopoldo, Editora UNISINOS, 2017.
- OBSERVATÓRIO IBERO-AMERICANO DE MUSEUS. **Marco conceitual comum em sustentabilidade das instituições e processos museais ibero-americanos.** Lisboa: Programa Ibermuseus, 2019. Disponível em: <<http://www.ibermuseos.org/recursos/publicaciones/marco-conceptual-comun-en-sostenibilidad>>. Acesso em 10/10/2021.
- SANDERS, Elisabeth; STAPPERS, Pieter. Co-creation and the new landscapes of design. **Co-design: International Journal of CoCreation in Design and the Arts**, v. 4, nº 1, p. 5–18, março 2008.
- SIMON, Nina. **The Participatory Museum.** Santa Cruz: Museum 2.0, 2010.
- STUDART, Denise. As diversas facetas dos museus: entre tradição e função social. **Revista Museu: cultura levada a sério.** Disponível em <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2019/6485-as-diversas-facetadas-dos-museus-entre-tradicao-e-funcao-social.html>>. Acesso em 23/10/2021.
- STUDART, Denise; GUIMARÃES, Vanessa. A questão ambiental e a comunicação do conhecimento científico pelos museus para a promoção de consciência social sobre o desenvolvimento sustentável. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 17., Rio de Janeiro, 26 a 27 nov. 2020. **Anais [...].** Rio de Janeiro: UNIRIO. Disponível em: <https://www.17snhct.sbh.org.br/resources/anais/11/snht2020/1597008034_ARQUIVO_da_6d8e7767f2b848d4f161ee291f5483.pdf>. Acesso em 17/03/2021.



14º Congresso Brasileiro de Design
ESDI Escola Superior de Desenho Industrial
ESPM Escola Superior de Propaganda e Marketing